

Valeu

Ricardo Kotscho *

Lá pela metade do ano, cada pesquisa nova que saía era uma paulada no peito. "Quanto mais a gente se esforça, quanto mais o povo adere à nossa campanha nas ruas, mais caímos nas pesquisas... Desse jeito, quando terminar a campanha, vamos ficar devendo, vamos ficar com saldo negativo no Ibope...", chegou a brincar Lula num fim de tarde em sua casa. Os jornais pautavam-se quase exclusivamente pelas pesquisas, os repórteres não sabiam outra coisa, e lá continuávamos nós subindo e descendo o Brasil em aviões de carreira, sempre atrasados, feito três mosqueteiros lutando contra o vento.

De noite, multidões reuniam-se nas praças para ouvir as propostas de construção de uma nova sociedade, sempre atentas à dura sinceridade imprimida por Lula em cada compromisso assumido. No café da manhã, lá vinha mais uma pesquisa negativa. Mesmo assim, em nenhum momento Lula e os dois assessores que o acompanhavam desde o início do ano nesta fantástica travessia da esperança deixaram-se abater um só momento. Bastava sair do hotel, colocar os pés na rua para alimentar uma certeza: militância, este foi o grande alimento da Frente Brasil Popular durante toda a campanha, nos bons e nos maus momentos, como um processo em duas vias — o candidato animando os eleitores, e os eleitores dando força ao candidato.

Algumas semanas após a irônica constatação sobre as pesquisas, nem nós podíamos acreditar na paisagem oferecida da janela do Bandeirantes que em meia hora de voo nos levou de Manaus para o coração da floresta. Até ali, em Balbina, um enclave de empreiteira no meio da selva amazônica, onde gravariamos algumas cenas para a *Rede Povo* sobre os estragos causados pela construção da hidrelétrica ao meio ambiente, algumas dezenas de homens, mulheres e crianças agitavam suas bandeirinhas com a estrela — a estrela que nos acompanhou por onde passamos, em mais de 200 cidades por todos os estados brasileiros.

De jipe ou a pé pelo meio da mata, aqueles militantes furaram o bloqueio da segurança da empreiteira para participar de um ritual que durante todo o ano se repetiu por todo o país: abraçar seu candidato e falar-lhe das suas esperanças, das suas reivindicações, das queixas da vida e do tralho de campanha naquela região. Qualquer que fosse o resultado final, Lula já podia sentir-se feliz, realizado, e todo dia repetia isto no final da jornada. Em 10 anos, o pequeno PT tinha chegado onde os cientistas políticos e os comentaristas do poder jamais poderiam imaginar: nos mais recônditos lugarejos onde houvesse meia dúzia de brasileiros organizados para lutar por seus direitos e por uma vida mais digna.

Ao longo de quase 12 meses completos — o primeiro comício foi dia 2 de janeiro em Campinas (SP) —, cenas como essa de Balbina bateram fundo na alma do operário-candidato, que voltaria de jatinho fretado ao sertão pernambucano de onde saiu menino para não morrer de fome. No voo de Recife para Garanhuns, olhando pela janela do *Lear-Jet*, Lula reparava que a paisagem continuava a mesma de quatro décadas atrás, a terra seca, castigada, raros sinais de vida. A sua vitória — a esta altura considerada possível até pelas pesquisas —, ele me repetiria pela milésima vez, não seria, porém, uma vitória pessoal do tipo o homem que saiu do nada para o poder. "Eu sei que sou o resultado do movimento de milhões de pessoas que perderam o medo e se organizaram para mudar a história do país", contava ele, o avião já se aproximando da pista de Garanhuns, literalmente invadida por uma multidão de pessoas humildes, certas de que tinha chegado sua hora.

Nas últimas semanas do primeiro turno, uma verdadeira revolução, pacífica e alegre, animada por

uma consciência política jamais vista, alastrava-se por onde passava a caravana da Frente Brasil Popular — e muita gente não se dava conta disso, talvez anestesiada por alguns dos maiores meios de comunicação social do país que preferiam não ver — e não deixar o povo ver — o que estava acontecendo.

"Eles não têm medo de mim, que sozinho não sou ninguém. Eles têm medo de vocês", proclamava Lula a cada comício, diante de milhares de gente que tinha assumido sua cidadania e não estava ali nas praças apenas para ouvir, mas para participar ativamente das maiores manifestações políticas já registradas na história do país.

Para romper de vez a barreira que separava o passado do futuro do país, reconciliando a Nação com o Estado, Lula sabia que era preciso vencer o medo de largos setores da sociedade que clamavam por mudanças e, ao mesmo tempo, temiam por seus efeitos. Num jantar em São Paulo, logo após anunciados os resultados do primeiro turno, era esse o tema central da conversa e Lula se lembrou de um verso do *jingle* da campanha — "sem medo de ser feliz" — que seria transformado no mote da reta final das eleições.

No embalo deste verso, pela primeira vez desde a campanha das *Diretas-Já*, todos os líderes progressistas do país uniram-se nos palanques. A cada dia, aumentava o entusiasmo, a alegria, a força não só de jovens militantes de todas as origens sociais, mas de tarimbados homens da resistência democrática, como Brizola, Arraes, Valdir, removidos pela luta comum para, depois de três décadas de trevas, poderem juntos anunciar a chegada de um novo tempo.

Os comícios transformaram-se em imponentes celebrações da democracia e da liberdade, os dois objetivos maiores de todos aqueles

"Bobagem chorar o leite derramado, mas a verdade é que, depois de tanta luta contra o atraso, o Brasil não merecia isso"

que, abrindo mão das suas diferenças e divergências, entenderam que tinha chegado a vez da plateia comandar o espetáculo e dar sua mensagem para o palco estrelado. Na Candelária, lembrei-me do susto que Tancredo levou ao se aproximar da frente do palanque no comício das *Diretas-Já*, cinco anos antes. "Nossa, Ulysses, quanta gente, como é que nós vamos fazer agora para administrar esse povo?", indagou ele do eterno presidente do PMDB, que ficou sem resposta.

Parece impossível, mas tinha ainda mais gente no último comício da campanha da Frente Brasil Popular e todos saíram dali com a certeza de que a vitória era só uma questão de horas, era só esperar e correr para o abraço. O resto da história todos conhecem: em pleno voo, próximo da chegada, Lula foi alvejado pelos mais sórdidos ataques já vistos em qualquer campanha eleitoral no mundo inteiro. A manipulação das informações no momento decisivo da batalha completou o serviço. Bobagem chorar agora o leite derramado, como diz o Lula, mas a verdade é que depois de tanta luta contra o arbítrio e o atraso, o Brasil não merecia isto.

"Sinceridade prejudicou Lula", constataria Orjan Olsen, diretor do Ibope, ao analisar os resultados. Quer dizer, mais uma vez, venceu a mentira. Quem sabe, um dia, possamos viver num país em que isto não se constitua em defeito de candidato, mas em virtude. Na hora do almoço de sexta-feira, em torno de uma bandeja de quibes e meia dúzia de cervejas, assistindo ao documentário sobre a campanha feito por uma rede de televisão, que só iria ao ar em caso de vitória, Luís Gushiken, o presidente nacional do PT, virou-se para Lula e resumiu a história: "Nós provamos que ainda é possível fazer política com ética."

Sem perder o humor, o deputado federal Paulo Delgado (PT-MG) completou: "É verdade, só que na última semana nós fomos de Woodstock e eles vieram de Chicago para cima de nós."

A grande festa que o povo esperava — dá para imaginar o carnaval que se faria neste país com a vitória de Lula? — fica para outro dia. Mas, que valeu, valeu.

* Jornalista, assessor de imprensa da campanha presidencial de Luís Inácio Lula da Silva

Deixamos de